

ANTONIO MIRANDA

RETRATOS  
&  
POESIA REUNIDA



© by Antonio Miranda – 2004

FICHA TÉCNICA

FOTO DA CAPA:

*Margarita D'Amico*

(Foto do autor tirada em Festival de Poesia, Caracas, 1969)

CAPA:

*Antonio Miranda e Tagore Alegria*

DIAGRAMAÇÃO:

*Tagore Alegria*

REVISÃO:

*Raimundo Tadeu Corrêa*

IMPRESSÃO:

*Thesaurus Editora de Brasília*

---

M672r    Miranda, Antonio  
          Retratos & poesia reunida / Antonio Miranda; –  
          Brasília : Thesaurus, 2004.

112p.

1. Literatura, Brasil 2. Poesia, Brasília I. Título

CDU 82(817.4)

CDD 869.1B

ISBN: 85-7062-432-8

---

Todos os direitos em língua portuguesa, no Brasil, reservados de acordo com a lei. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou informação computadorizada, sem permissão por escrito do Autor. **THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA LTDA.** SIG Quadra 8, lote 2356 – CEP 70610-400 – Brasília, DF. Fone: (61) 344-3738 – Fax: (61) 344-2353 \* End. Eletrônico: editor@thesaurus.com.br \*Página na Internet: www.thesaurus.com.br – ENDEREÇO DO AUTOR PARA CORRESPONDÊNCIA: Caixa Postal: 4548, Campus Universitário UnB, Asa Norte, Brasília, CEP: 70919-970, E-mail: cmiranda@unb.br. Página do autor na internet: www.antonimiranda.com.br

Composto e impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*

## Sumário

### RETRATOS

BORGES .....	11
I .....	11
II .....	12
ÍTALO CALVINO .....	14
AS DIVAS .....	17
POESIA NO PORTA-RETRATOS .....	18
O MEARIN .....	21
O INFERNO .....	23
MAZZAROPI .....	24
AUTO-RETRATO .....	26
HEIDEGGER E AS MÃOS DE NILDO .....	28
BASTIDORES .....	31
MEMORIAL DO RIO DE JANEIRO .....	33
EDSON NERY DA FONSECA .....	36
TEMPOS DIFÍCEIS .....	37
TEMPO PARALELO .....	40
NEFELIBATA .....	41
BOCAGE .....	43
AS PALAVRAS .....	47
AVENIDA CORRIENTES .....	49
O LABIRINTO .....	51
MEU NOME .....	53
CRIANÇAS .....	54
POÉTICA .....	56
ZILA MAMEDE .....	57
TRIBUTO A KAVAFIS .....	59
SEM TUDO, SEM NADA .....	61

SIMIL .....	63
MALTHUS .....	65
A JANELA .....	66
O HOMEM CORDIAL .....	69
A CASA DA CHÁCARA .....	72
INOMINÁVEL .....	73
PAISAGEM .....	74
ENTRE PURO E OBSCENO .....	74
MENINOS-DE-RUA (MANEIRISMO) .....	75
SONS INTERIORES .....	77
O PÁSSARO .....	79
POSFÁCIO .....	80
CLOSE UP DE CÉLIO .....	80
RETRATO DE HUGO .....	82

### **POESIA REUNIDA**

DO DISTANCIMENTO DO CORPO .....	86
DA MORTE .....	88
CAMINHOS DE INTEGRAÇÃO .....	89
QUEM É QUEM .....	90
A FOTO E O OLHO .....	92
O FATO E O OLHO .....	93
O FITO E O OLHO .....	94
AMANHÃ .....	94
A FRUTA .....	95
A QUADRATURA .....	97
SHOCK DO FUTURO .....	97
ORAÇÃO POR EMILINHA BORBA .....	99
POEMAS AVULSOS .....	102
O SUICIDA REPENTISTA .....	102
FUTUROLOGIA .....	103

## *Apresentação pelo autor*

Segundo uma recomendação de Drummond de Andrade – em seu célebre poema... – destruí grande parte dos meus versos da infância e da puberdade. Não eram poesia. Respondiam a estímulos emulatórios, experimentando métricas apreendidas das leituras dos cursos primário e secundário (como eram então chamados as primeiras fases da educação regular).

Não sei se algum poeta jamais escapou desse mandato de iniciar-se pelo culto e imitação dos poetas mais célebres de seu tempo.

Os primeiros versos escrevi-os aos 9 anos, no convés do navio Ita em que viajei, com a família migrante, de São Luís do Maranhão para o Rio de Janeiro, em 1949. Salvaram-se alguns versos porque fazem parte de cadernos e álbuns conservados com zelo e mimo, num relicário ególatra e narcisista... (Nem tanto pelo interesse de guardar as memórias de infância – período não muito feliz de minha vida - mas por apego a alguns objetos pessoais).

Aos 12 anos eu “publicava” à mão um jornaleco de poesia com amigos do Grupo Escolar; aos 13 e 14 anos imprimia, na gráfica do tradicional O Fluminense, em Niterói, o jornal A Voz da Juventude em que era diretor, redator-chefe, principal colaborador, agenciador de anúncios e vendedor de exemplares... Saíram três

números apenas, em 1953, um deles com um soneto de minha autoria, que não mais reli. O diretor do Colégio Afrânio Peixoto, que era irmão do grande escritor, ofereceu-me uma bolsa de estudos no seu educandário, na cidade de Nova Iguaçu, e a co-responsabilidade pela edição de *O Acadêmico*. Mas nosso relacionamento durou pouco. Eu não tinha as convicções políticas, ainda menos as religiosas e menos ainda as “morais” que ele exigia de mim – o homem era admirador de Plínio Salgado – e eu expulsei-me do colégio... Virei autodidata por muitos anos.

Passei a ler vorazmente, de tudo. Tomava livros emprestados de amigos. Principalmente de uma biblioteca pública no bairro carioca do Rio Comprido e, mais adulto, comecei a freqüentar a Biblioteca Nacional. Este período de minha vida está devidamente registrado no meu livro *Manucho e o Labirinto* (São Paulo: Global Editora, 2000).

Sofri todas as influências possíveis. Dos arcádicos, dos românticos, dos parnasianos, dos surrealistas, dos concretos e neoconcretos, dos revolucionários e engajados politicamente, dos malditos e dos antipoetas. Sem nenhuma convicção ou fixação. Lia teatro, romance, contos, poesia e filosofia e, também, livros de história e geografia.

As viagens por todo o Brasil, como mochileiro, e por países vizinhos, na década de 60 e, como estudante e já como profissional, nos anos 70 e 80 do século passado, foram decisivas para a minha formação de autor. A fase carioca (até 1966) e a venezuelana (1966-1972) deram-me os alicerces de que até hoje me valho, mesmo depois de optar por Brasília, a partir de 1973. Temporadas na América Latina e na Europa deram-me

acesso a outras línguas e a estudos para expandir os horizontes intelectuais.

Os grandes temas – perdoem a pretensão – de minha poesia permanecem inalterados: o corpo, o tempo, o amor transitório ou transcendente, o agnosticismo, os símbolos e as mazelas nacionais. Acho que escrevo e re-escrevo os mesmos poemas, desde a juventude, para dizer as mesmas coisas, com o meu pessimismo ativo.

A propósito de “pessimismo ativo”, foi meu amigo – e revisor de plantão – Raimundo Tadeu Corrêa que chamou a atenção para a minha ligação com os tempos da contemporaneidade. Em certo sentido, creio estar na vertente de pensamento próxima a Walter Benjamim que, conforme o Dicionário de Filosofia, de Ferrater Mora (.....) ele “pensava numa utopia dentro da história. A utopia coincidia, a rigor, com a “origem”. Esta não é um passado histórico, mas um momento presente eterno, um tempo de agora (Jeitzzeit), que deve justificar e redimir todos os tempos e todas as injustiças. Isto distingue o “presente” de mera repetição mecânica em que se encontra imersa a cultura, e especificamente a cultura artística, burguesa”. Só que o Filósofo do Círculo de Berlim (ainda) acreditava no materialismo histórico, naquele sentido utópico oposto ao historicismo.

Sempre quis exercer um pouco o ideal da integração das artes, invocando formalismos das artes visuais, algum ritmo e dramatismo teatral, visando a exposição ou apresentação pública de minha obra.

Nos últimos tempos venho optando por projetos de livros em vez de dedicar-me a poemas soltos,

com um unidade temática e formal. Assim foi a concepção de Brasil, Brasis, composto às vésperas do 5 Centenário da "Descoberta" do Brasil e Canto Brasília, pelo transcurso do centenário de Juscelino Kubitschek de Oliveira, o fundador de Brasília. Mas esses textos têm origens bem mais antigas, que se consubstanciaram graças a retomadas mais objetivas, como no caso de Perversos.

O último trabalho – Retratos –, com poemas dedicados a amigos, pretendeu montar um mosaico de temas atuais ou constantes relativos a autores, lugares, idéias e valores presentes no meu imaginário.

Gosto de intercalar textos de meus autores preferidos diretamente nos meus poemas, além dos recursivos epígrafes, quando não parto diretamente para a perífrase. É difícil desvencilhar o que penso do que cultuo na minha poesia. Como sigo a noção do pensamento moderno de Edgar Morin, no concernente à idéia da pós-modernidade, não vejo problemas no ecletismo, na heterogeneidade e na hibridez dos meus textos.

Escrevi tanto em Português quanto em Espanhol (língua em que publiquei meus primeiros títulos literários) mas hoje faço-o unicamente na língua vernácula. Evitei publicar, no presente volume, traduções ao nosso idioma, de poemas escritos durante o meu auto-exílio pela América Latina, – tais como Tu país está feliz e De crenças e vivências.

Ficaram de fora desta edição outros textos escritos na Venezuela e na Colômbia, particularmente a obra poético-musical Calzoncillos com nubes o si prefieren SOS Colombia, texto encenado no Teatro Popular de Bogotá (1973) e também o Jesucristo

astronauta, autosacramental sobre lo profano y lo divino (Caracas, 1973).

Muitos dos poemas aqui reunidos estavam perdidos ou esquecidos em edições limitadas e em antologias, quase sempre fora do mercado editorial, publicados nos últimos 50 anos. O leitor mais atento vai perceber que existem períodos menos produtivos – parte da década de 1970, quase toda a década de 80, parte da década de 90 do século XX. Em verdade, as edições de livros é que ficaram concentradas em determinados períodos de minha vida. É certo que também houve anos em que escrevi pouco – andava muito dedicado aos artigos e projetos profissionalistas, nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação. No entanto, fazia muitas anotações numa espécie de memorial de vida (pois não chegam a constituir um diário), que logo serviram de base para os períodos de maior produtividade.

Uma coletânea de poemas – que resumem toda a vida de um autor – não só revela altos e baixos como, indefectivelmente, exhibe diferenças formais e estilísticas. Não obstante, acredito que exista alguma unidade, tanto formal quanto temática, ao longo de todo o texto reunido. E algum mérito que justifique a sua reedição.



# Retratos

BORGES

*Para Elga Pérez Laborde*

## I

No labirinto dos espelhos  
por caminhos multiplicados  
ao infinito; lá no fundo  
ou no começo.

Onde o tempo e o espaço  
se confundem, porque  
coexistem memórias  
do olvido.

Em território ampliado  
extensivo, além dos planos  
e altiplanos sucessivos,  
transformados.

Paisagens mutantes, antes  
miragens, talvez passagens  
ou descaminhos entre tudo  
e o nada absoluto.

Lá está aquela máscara disforme  
que encobre uma outra face  
que oculta outras tantas mais:  
metamorfoses.

Desvendamentos, desvelamentos.  
Excertos, estratos, desconcertos.  
Um ser que não mais existe,  
nunca mais.

Ou que existe em transição.  
Um ser de superfícies, camadas  
numa couraça de resistências  
impossíveis.

## I I

Um ser em que não me reconheço  
que em sendo deixa de existir  
que não tem começo e nem  
princípio(s).

Um ser em precipício, levitando  
sobre os espaços e os tempos  
de um esclarecimento - o sentimento  
do universo.

Num território de realidades  
que seriam transfigurações  
encontro Borges, onírico, flutuando  
entre as palavras.

Ou pelos sentidos, pressentimentos  
pairando sobre mitos e ruínas

latentes, no sentido dos sonhos  
consentidos.

Referências, transparências,  
transcendências. Sonhos sonhados  
ou ruminados, ou imaginados,  
essências.

Borges confessa: a realidade  
não interessa; sua visão  
perpassa as tessituras  
do fabulário.

Na ceguidade iluminada  
- origem e devenir das formas -  
ele me vê bem além de mim,  
ele se vê.

Eu não consigo vê-lo, apenas  
me aproximo de sua substância  
de símbolos e de significados  
- se isso é possível.

Ele dialoga com os mortos  
e enxerga além das evidências  
e, negando a própria existência,  
nos descobre.

Pois é de descobertas e dessassombros  
que construímos nossos espelhos  
no labirinto infinito e imperfeito  
das revelações.

Como Dante e seu Poeta preferido  
indo aos epicentros da condição

humana, às suas projeções  
e representações.

Com Borges, o mago, o vidente  
um pré-socrático, um demiurgo  
um transgressor por via dos questiona-  
mentos.

### ÍTALO CALVINO

*Para Elmira Simeão*

I  
Um cavaleiro sem rosto  
vaga por cenários e tempos  
fracionários;  
uma cidade invisível  
emerge das brumas  
do impossível:  
libertos da arcana  
maldição do indizível.

São exércitos errantes, bibliotecas  
ilegíveis, são cidadelas  
herméticas, espectrais,  
são animais, são muralhas  
indepassáveis, em idades  
indefinidas, códigos  
indecifráveis mas, ainda  
assim, inteligíveis.

## II

Calvino faz exercícios de memória  
em lugares que já não são lugares  
- são denominações registros ecos.  
Desvenda sentidos, vislumbra,  
presume, em estado de catálogo  
- devaneios, provendo combinações  
múltiplas absurdas fantasmais -  
fluindo como fantasias verbais.

Palavras tais como esgrouviado  
na superfície do papel fluído  
passível de toda inscrição.  
Nomeando o mundo, inventando  
palavras e mundos, escrevinhando  
compulsivamente, desinteressado  
dos comos e porquês: palavras  
para inscrever todas as coisas.

Palavras no mundo, horizontais,  
dando forma ao próprio mundo  
para que assim o mundo exista.  
E confessa: difícil é contar  
na primeira pessoa, confessar-se  
sem deturpar os significados,  
sem falsear, tergiversar,  
viver os próprios sonhos e ilusões.

## III

Uma felicidade inquieta,  
uma alegria externa  
aos próprios sentimentos,  
querendo sempre estar  
em outro lugar e momento,

pelas vertigens do pensamento,  
indiferente à natureza porque  
confessadamente cidadão.

Oh! Calvino, expectador viciado  
dos cinemas da adolescência,  
das marchas e bravatas fascistas,  
revoltado, como Fellini, indagando  
e maldizendo e blasfemando  
contra as instituições totalitárias,  
desconfiando de todas as certezas  
abjudicando toda burocracia.

Filme da infância imaginária  
visto a partir do meio,  
seguido da metade do segundo,  
completado pela fração do terceiro,  
cenas de várias seqüências,  
diferentes cenários incompletos  
num quebra-cabeça ou colagem  
ou caleidoscópio fantástico!

Filmes que evocam filmes,  
personagens migrando de enredo  
para enredo, cenas alternadas,  
entrecortadas de memórias  
de outros filmes já esquecidos  
numa mitologia antropofágica  
e voraz, numa galeria de personagens  
desprovidos de sentidos.

## AS DIVAS

*Para Raimundo Tadeu Corrêa*

No cinema brasileiro de minha juventude  
as mulheres eram emblemáticas, prototípicas!  
Emblemáticas? Prototípicas?!

Eliane Lage era asséptica, higiênica  
maravilhosamente burguesa e fleumática  
enquanto Eliana, saia godê  
parecia vir de um seriado de TV!

Vanja Orico, nativa refinada  
onça amazônica, encarnava o sertão  
numa representação telúrica/regional  
como um ícone, um mito  
i.e., emblemática e prototípica!

Norma Benguel sempre personificava  
nossos instintos, nossos desvios  
excessos, as vontades mais recônditas  
- por que não confessar? - nossos pecados  
pois havia ainda pecado abaixo do Equador.

Havia Tônia Carrero, tão linda, tão perfeita!  
Podia passar por uma atriz de Hollywood  
não fosse a língua de seus filmes!  
Tão superior, tão loura! Tão emblemática  
de nossas projeções/superações raciais  
meridionais.

Mas eu gostava mesmo  
mais intensamente  
devo confessar: apaixonadamente

era da Odette Lara  
- uma Anita Ekberg nos trópicos -  
mesmo vestida  
ela estava sempre nua!

A nudez de Norma Benguel  
era pontual, momentânea  
ou seja, prototípica...

A nudez de Odette Lara era integral  
permanente, dos pés à cabeça  
estava no mar libidinoso  
de seus olhos! Na sensualidade  
de seus ombros mesmo quando  
vestidos!

E não havia mais ninguém!

Em preto-e-branco  
elas luziam todas as cores  
de um arco-íris secreto.

#### POESIA NO PORTA-RETRATOS

*Para Anderson Braga Horta*

I  
Sempre  
quase sempre  
(nem sempre...)  
eu me vejo ridículo  
escrevendo poemas.

Mais ridículo ainda

lendo-os, relendo-os  
infinitamente.

A poesia tornou-se um exercício  
maneirista, narcisista, preciosista  
masoquista e, para quebrar a rima  
um precipício  
um verdadeiro estropício  
um hospício a céu aberto.

Uma espécie de auto-flagelação  
ou de endeusamento  
sem qualquer encantamento  
ou absolvição: a negação da negação.

## II

Ferreira Gullar, por exemplo  
colocou o poema no liquidificador  
na sua Luta Corporal.

Tristan Tzara, o dadaísta  
usou a tesoura porque não havia  
a máquina picotadora  
e saiu fazendo colagem de letras  
em arquiteturas indecifráveis.

Mallarmé lançou seus dados ao azar  
E. E. Cummings construiu edifícios verbais  
e Sousândrade violentou a gramática  
enquanto Bilac cinzelava versos  
e J. G. de Araújo Jorge acaramelava  
os amores imaginários.  
Antes, Bécquer elevava-os em seu andores.

Mais perto de nós, Nikolas von Behr  
ventríloquo pelo umbigo  
faz discurso libertário  
rebeldia em verso livre, e de livro.

Tem ainda a iconoclastia de Leminsky  
a hipocondria de Manuel Bandeira  
e a ecclesia dos irmãos Campos  
com o concretista Pignatari  
na tradição do novo  
na renovação.

Tradição do novo é conceito sartreano.  
Bem podia ser pernambucano!

### III

Eu me reconheço  
mediocre  
e apelo para as musas defuntas  
ou aposentadas.

A poesia é um caminho viciado  
ou é inovação e criação  
(nunca inspiração)  
e o poeta queima as próprias roupas  
incinera as vãs convicções, crenças  
deserta do mundo e suas ideologias  
e destrói a própria torre de marfim  
seu último refúgio.

E não sabe o que fazer  
com a própria liberdade.

O MEARIM

*Para Luís Augusto Cassas*

Eu nasci no Mearim  
um rio barrento e lento  
lá no fundo da memória  
carcomida, como a mim  
corroeu o mesmo tempo  
e o desalento; também  
o rio corrompeu, assoreou.

Um rio perdido ou esquecido  
o rio e eu, frente a frente  
como um eu diante de outro  
eu, desconhecendo-se  
outros eus que ficaram  
ao longo do caminho  
todos irreconhecíveis!

Paisagens deformadas  
agora imperceptíveis

não fosse por sua imanência  
ou permanência, indefectíveis  
lembranças redivivas  
imagens esclerosadas  
de natimortos renitentes.

O rio torto e incerto  
de minha infância esquecida  
com aquelas palmeiras  
decapitadas; eu, ribeirinho  
assustado, imaginando  
caminhos nas águas  
moventes e errantes.

Lá adiante, quem sabe  
o mar, o continente  
lá no futuro, o passado  
presente e instigante  
de um desterro e  
destino de emigrante  
portanto inveterado.

Que migra e singra  
mares nunca dantes  
navegados, levando  
o próprio rio e seu  
desmoronamento e  
permanecendo ancorado  
mesmo em movimento.

Ou é o porto que vai  
enquanto o rio petrifica  
na lembrança estagnada.  
O Mearim das lavadeiras  
já falecidas, meninos  
que já se foram  
ou mesmo se afogaram.

Porque o rio segue  
seu curso indiferente  
numa geografia absurda  
de ausentes desterrados  
de águas turvas, tépidas  
desmemoriadas  
de seus sobreviventes.

## O INFERNO

1.O Paraíso não existe mas o Inferno sim:  
o Céu apenas por intervalos,  
momentos, intermitente.  
O Inferno é permanente, denso,  
saturado, onipresente.

Deus, furioso, repartiu o Bem  
em migalhas mas o desgosto  
é copioso.

Campo da não dialética,  
vácuo de toda ideologia.

O Inferno de Dante tem sete círculos  
talvez esféricos, metafóricos  
- não! É concreto, verdadeiro,  
em sua medievalidade iconográfica.

E tem uma Ética aristotélica.

Se o Céu existe é para o privilégio  
dos aborrecidos, não-viventes,  
soberbos da fé, adutores  
enquanto os demais que  
*bestemian quivi la virtù divina*  
(dantesca) ardem no fogo eterno  
e terreno.

*L'angoscia della genti*  
desterrada, condenada, aviltada  
desde o pecado original.

No Poema, corporificado um mundo  
exemplar, presentificado, pontificado;  
o Bem se revela pelo Mal infindo,  
na fogueira sempiterna: temor e horror.

2. A Jerusalém celeste pode estar embaixo,  
na orla marítima e nas ilhas do Pacífico;  
o Inferno sobe o morro, encabrita-se.  
O mundo dos mortos domina,  
controla, assusta o mundo.

O Inferno existe, o Céu é rarefeito:  
é e não é. É ideal, utópico, inacessível,  
instável: do Inferno não há regresso,  
no Céu o ingresso é probatório  
- ou é o Purgatório.

E o futuro, o que é?  
O ainda não, o talvez não  
ou - espécie de oratório, ou oráculo -  
a resposta: o nunca, ou jamais.

O Paraíso é um não-lugar,  
pretendendo ser virtuoso nem é virtual;  
em seu lugar, o Mal é incestuoso,  
só o Inferno é real.

#### MAZZAROPI

Precisamos resgatar a figura do Jeca Tatu  
do matuto, do nosso esquecido Mazzaropi  
- um caipira com nome de pizzaiolo!

Não importa, ele era telúrico!  
com suas botas, fumo-de-rolô, chapéu surrado  
camisas quadriculadas, cusparadas e  
babaquices  
[babaquice não é uma palavra poética  
adverte-me o editor Victor Alegria]  
caminhando aos tranbolhões, apalermado.

Seu casebre era de pau-a-pique  
o cão preguiçoso a imitar o dono  
o panelão no fogo e o cigarro-de-palha  
queimando-lhe os lábios no cochilo  
ou no ronco escancarado.

Grosseiro? Vulgar? Caricato?

Ríamos de nosso próprio desengonço  
de nossa rudeza, ingenuidades  
ao som de violas e pilhérias  
em torno de fogueiras, sob bandeirinhas  
de São João, no terreiro  
na roça! no cinema, envergonhados.

Os filmes horríveis, por isso maravilhosos!  
Cantava como um bezerro desmamado  
atuava imitando a si mesmo  
e, por isso mesmo, genial.

Os filmes eram sempre os mesmos  
os enredos sempre iguais, banais  
as mesmas vacas, os mesmos pastos  
da fazenda que devia ser a dele  
as mesmas galinhas

o velho caminhão de feira  
e aquele andar pisando ovos  
ou bosta de gado.

Era o nosso Cantinflas, o nosso Chaplin  
ou, se menos, nosso palhaço-de-circo  
nosso ventríloquo, nosso bobo da corte  
que nos levava ao riso e às lágrimas.

Agora os nossos interioranos são country  
em vez de viola ouvem guitarras elétricas  
em vez de calças frouxas e encolhidas  
usam jeans e cintos reluzentes.

Mas, lá adiante, no pé-de-serra  
ainda existe um Mazzaropi tirando  
bicho-de-pé com facão de cortar cana  
e alguma lamparina, uma moenda  
caninha de alambique  
uma capelinha rural enfeitada de fita  
e folhas de palmeiras  
e um galo marcando a tradição.

#### AUTO-RETRATO

*Para Sofia Vivo*

Às vezes sou um, às vezes sou outro:  
todo mundo é assim, ou é assado.

Eu, sem fugir à regra, transgredi.

Fui, ao mesmo tempo, eu e o outro  
- um para dentro, outro para os outros

mas, confesso, sou igual a todos  
num disfarce que é a outra face  
de uma falsa dicotomia.

Maniqueísmos? Planger ou prazer?

Nem religioso eu sou, nem romântico,  
muito menos ideólogo ou assumido  
de qualquer coisa, na minha infidelidade,  
falta de fé. E, no entanto, obstinado  
quase otimista porque realista  
-na reversão da contradição.

Sou um pouco o Orlando da Virginia Woolf  
o Patinho Feio disfarçado de Dorian Gray  
fui herói de histórias em quadrinhos  
namorei estrelas de Hollywood ou,  
mais terrestre, da Vera Cruz e da Atlântida  
ganhei o Prêmio Nobel, a Comenda Maior  
da Confraria dos Poetas Ególatras e Suicidas.

Li uma montanha inexpugnável de livros  
tentei reescrevê-los, sem qualquer humildade  
subi, letra a letra, degraus estonteantes  
delirantes, construindo arquiteturas etéreas  
no círculo vicioso das virtualidades banais.

Deveria rasgar todas as frases deletérias  
todas as imprecações, todas as contrafações  
verbais e venais que produzi - lixo execrável.

Deveria envergonhar-me de minha falsa polidez  
de minha insensatez, minhas impropriedades  
mas sempre tenho a firmeza dos inseguros

enquanto os crédulos, os convictos  
não resistem às próprias contradições.

Transgredi mas, juro, apenas verbalmente.  
No mais, sou casto na minha perversidade.  
Sou beato na minha mais íntima heresia.  
E mais desprezioso do que a minha soberba.

Quero dizer: no fundo sou inseguro e fiel  
a princípios de que nem participo.

Deu para entender? Nem Deus presente  
aquela dor que finjo que deveras sinto  
ao plagiar aquele poeta que nem mesmo venero.

Vou na contra-mão da ordem estabelecida  
mas, disfarçando, eu vou é de costas  
e não estou sozinho, participando assim  
de uma nova modalidade olímpica ou  
acadêmica.

Os que são de Bacabal que me sigam  
os que usam botas de ferro, brinco de osso  
que rezam constrangidos, os desamados  
os sem-biblioteca, os sem sentido.

#### HEIDEGGER E AS MÃOS DE NILDO

I  
Mãos enormes, leves, fortes, delicadas,  
como asas, ásperas pelos exercícios  
na academia.

Mãos tímidas, calmas, limpas, falazes  
mas discretas, repousadas sobre a mesa,  
em dádiva.

Dedos grandes, lisos, grossos, perfeitos  
no ofício da afeição, no gesto contido  
mas perseverante.

Dedos diuturnos, sossegados, pressionando  
teclas solícitas de um computador,  
horas a fio.

Mãos pacientes quando não agitadas  
nas práticas esportivas, ou meditando  
parcimoniosamente.

Um ensaio, traços de Leonardo da Vinci  
em esquema sugestivo, detalhe,  
uma reverência.

Mãos castas, dedos exultantes, sutis  
em seus devaneios, ânsias, manifestações,  
acenos juvenis.

Mãos pacatas, generosas, afagantes,  
limpas, bem cuidadas, quietas mesmo  
quando despertas.

Branças, sossegadas, assim cruzadas  
sobre o corpo dormido, imobilizando  
dedos inquietos.

Acenando, apertando outras mãos,  
ou em repouso de tarefas pacientes,

despedindo-se.

Mãos benfazejas, reverentes, recatadas,  
em gestos amenos de aproximação  
e solidariedade.

Mãos silentes quando assim prostradas  
sobre o umbral da tarde declinante;  
aquiescentes.

## II

Heidegger: 'Mas o ofício da mão é mais rico  
do que geralmente se imagina(...)'. Ela  
estende-se.

A mão distende, direciona, descontrola-se  
na extensão da idéia ou sua ausência  
inconsciente.

'Recebe sua própria saudação pela mão  
dos outros', interrelação de sentidos, ou  
introspectiva.

'Duas mãos se enlaçam em uma'. Projetam-se,  
reconstituem-se, redimem-se, dão, negam-se  
e recuperam.

Sua linguagem é fundante, minuciosa,  
valha a hipérbole: portanto direcionada  
de sentidos.

'Cada movimento das mãos' (...) 'carrega  
a si mesmo através do fundamento de  
pensar.'

Mão que é o símbolo de outras mãos,  
representando-as e no representa-las,  
justificando-as.

'Todo trabalho da mão é fundamentado  
pelo pensar': a mão fala e pensa por  
nós outros.

Ainda Heidegger: 'pensar é o mais simples,  
e por tal motivo o mais árduo de todos os  
trabalhos da mão.'

Metafísicas, ônticas, oníricas, e concretas  
as mãos confabulam, sentenciam, decidem  
independentes.

A mão que antecede o pensamento  
que inventa a linguagem, indicando  
e nomeando.

Que é da mão o ato constituinte,  
consumante, o sinal que antecede  
a palavra.

É forma e conteúdo, também é causa e efeito,  
mágica e realidade na sua materialidade,  
e poesia.

## BASTIDORES

### I

Nos bastidores, talvez frisson ou frenesi,  
também rancores, queixas, dissabores,  
estar fora de si, com ciúmes, tititi,  
atores estressados, queixumes, calados  
diante do espelho, tolos, fazendo caretas.

São marionetes, proxenetas, chacretes,  
sonhos, ilusões, assim medonhos  
na frustração ou mesmo nas vitórias,  
sob aplausos, apupos, na ovação  
consagradora depois da melhor atuação.

### II

Mundo de ilusão e realidades fantasiadas,  
também frivolidades, no fundo, sensação  
de impotência, ou desânimo, condescendência  
com as incapacidades, limites, possibilidades.

Chacrinha, Sílvio Santos, Faustão ou Hebe  
ou Xuxa, ou antes, o César de Alencar  
no rádio ou na TV, no circo, no teatro,  
em qualquer lugar, e para qualquer um.

Pernetas, piruetas, roleta-russa, vedetes.  
Engulidores de facas, de pregos, de sapos,  
de fogo. Em jejum, com fome, ânsias  
e dores, contorsões, flexões, esparadrapos.

Roda, roda, roda, roda-viva, rodamundo,  
Chacrinha girando a roleta, buzinando,  
comandando a platéia ou a geléia geral.

Agora é a galera, é fera, é pura curtição,  
é corpo-a-corpo, fruição, corpos desnudos  
na banheira, na cama, em exposição.

### III

Sílvio Santos comanda o Show do Milhão.  
Xuxa convoca os baixinhos assanhados.  
Há também ratos, leões, percevejos e  
baratas comandando grandes auditórios.

Mulheres traídas, maridos ultrajados, todos  
ao vivo, descortinando suas desventuras,  
desgraças, a soldo, treinados, adestrados  
para o grande circo dos horrores.

### MEMORIAL DO RIO DE JANEIRO

*Para José Jeronymo Rivera*

#### I

Conheço apenas a imagem em movimento:  
na idéia, no sonho, na memória, na poesia.  
Imagem da imagem, que esta é estranha  
enquanto aquela é-nos, - sim! - reconhecível.

O Rio de Janeiro é uma imagem congelada  
como um daguerreótipo, um documentário  
revisitado, um baú profanado, álbum  
de família, quadro na parede, saudade.

Assisti ao desmonte do Morro de Santo Antonio,  
ao aterro do Flamengo, muito carnaval de rua,  
lança-perfumes, Cacilda Becker no teatro  
e a Barra da Tijuca coberta por dunas.

Eu, em muitos momentos, crescendo e andando de bonde, vagando pelas ruelas e galerias noturnas de Copacabana. Nem havia ainda a Ponte Rio-Niterói.

II

Existia a revista O Cruzeiro nas bancas com a a nova miss Brasil bem na capa, havia o (novo) colosso do Maracanã e tudo ali era o maior-do-mundo.

Havia bossa-nova, poesia concreta, as favelas eram pintadas de amarelo, as lambretas circulavam pela orla em que corpos dourados ousavam maiôs.

Havia Luz Del Fuego, que era intelectual; Virginia Lane - uma euforia desnuda e a Elvira Pagã (dizem que era pacata!) na Praça Tiradentes: rainhas do teatro rebolado.

III

Conheço apenas a imagem cristalizada na memória da memória da retina - sombras, vestígios, lembranças frágeis como papel de parede desbotado.

Brigitte Bardot andava nas areias de Búzios, Ava Gardner quebrava o quarto do Glória (ou teria sido do Hotel Copacabana Palace?). O Ibrahim Sued era o colunista social.

Jean Paul Belmondo seria o feio mais bonito

enquanto o Alain Delon era bonito mesmo.  
Havia Nouvelle Vague, Cinema Novo e mais  
ideologias que cerveja nos bares de Ipanema.

E as vozes de Dolores Duran, de Maísa?  
Os textos sarcásticos do Stanislaw Ponte Preta?  
Os gols geniais do Garrincha, do Pelé?  
O angu da madrugada no Largo da Lapa?

#### IV

O amendoim torrãozinho, a mariola,  
a barca da Cantareira, os trens da Central,  
as putas da Praça 11, a falta d'água  
e os intelectuais pregando a Revolução.

As fotografias eram em preto-e-branco,  
também o cinema, a TV, os jornais  
mas parece que havia muito mais cores  
naqueles tempos - e valha o lugar-comum!

E havia mesmo, nos meus dezoito anos,  
nos meus vinte e poucos anos, vagando  
pela Cinelândia, lendo todos aqueles livros,  
amando, dançando, questionando e sonhando.

#### V

Imagens datadas, deturpadas pelo tempo.  
Reverendo-as, revisando, já são outras.  
Mas estão em mim, gravadas, pungentes,  
sobreviventes, latentes, instigantes.

Personagens num museu de cera pessoal  
mesmo quando públicas, consagradas.  
Fantasmas, povoando espaços idealizados,  
em dimensões alheias, transfiguradas,

mitificadas. Lugares transformados, fatos consumados, entes virtualizados, ou melhor ainda: desmaterializados, levitando no espaço-tempo das rumações tristes,

inconseqüentes. De uma perspectiva recorrente, de um distanciamento assim dilacerante, de uma distância de nuvens e rochedos, afirma-se: pedras e plumas se equivalem.

#### EDSON NERY DA FONSECA

Na cadeira de balanço, com um gato no colo, mais bem seria um livro, um terço, uma fruta, uma caixa. Está lendo Bandeira, talvez Oscar Wilde,

relendo Gilberto Freyre - ou seria Mallarmé? enquanto acaricia o felino predileto. Sonha e ruma seu amor secreto. Aristocrático, sim, e por que não?

Não importa se de origens lusitanas fidalgas (de antigas capitânias) ou se descendente de imaginários holandeses. Se não por sangue, por afinidades,

(de ingleses, por certo) pernambucanidades, herdades cultivadas e consubstanciadas. Altivo, ativo, polêmico, apaixonado,

na sua Olinda colonial, junto à  
 igreja de sua maior devoção,  
 mas seu coração é livre, aberto  
 - livro aberto - numa fé que é  
 a um tempo carnal e transcendente.

### TEMPOS DIFÍCEIS

Em memória do Embaixador Sérgio Vieira de  
 Mello, vítima de atentado no Iraque, em missão  
 da ONU.

*Pode alguém extasiar-se na destruição,  
 rejuvenescer-se pela crueldade. Rimbaud*

I  
 Flor envenenada, ares degenerados, temores  
 e prazeres, a alma é insondável e cruel  
 enquanto carne, dilacerável,  
 é afeita à tortura  
 e à vertigem.  
 Tão em  
 e frágil.

Um corpo  
 que é um cofre,  
 uma argamassa maleável,  
 uma geografia de montes e abismos,  
 aquela massa de manobra e conversão,  
 suscetível a todos os malefícios e contestações.

A mente enferma, emparedada, corrompida.  
 Mãos que obedecem impulsos entranhados.  
 Bocas vociferando discursos dúbios, hostis.

Dor e felicidade nos extremos  
de um mesmo sentimento  
que nem é ambíguo  
mas contíguo, em equilíbrio crítico,  
dialético. Ou patético.

II

A guerra é mãe de toda sabedoria,  
fundada na estupidez, no heroísmo  
mais covarde, no companheirismo  
e no extermínio, exacerbação do amor  
e no horror mais belo e mais sublime.

Destruir e renovar, num ciclo de vida  
e morte conjugado.  
Morte e vida enquanto correspondentes  
e equivalentes,  
alternantes.

Matar e morrer.  
Pássaros decepados, corpos explodindo em euforia:  
espetáculo comove pelo seu pavor admirável.

Um edifício ruindo como uma cascata  
incandescente,  
um pescoço ceifado e o sangue jorrando esplêndido,  
alegre e terrível,  
bombas e lanças-chamas em coreografias  
impactantes, levando-nos ao delírio!

Tão mais emocionante o tiro certo,  
a machadada sobre o crânio do inimigo,  
tecidos queimados, punhais magníficos  
como cristais votivos sobre os corpos vencidos.

## III

Suicidas fantásticos voando pelos ares,  
desintegrando-se como partículas divinas,  
numa euforia de convictos, heroísmos  
extremados, libertários, superando  
falsos humanismos.

Humano seria um estado racional,  
mesquinho.

Deus exige exemplos superlativos.

A vida - afirma-se - não é nossa,  
é-nos dada,  
e morrer é uma passagem  
para a felicidade.

Ou que outro nome tenha a Glória.

## IV

Mortos e vivos habitam o mesmo espaço,  
alternando-se. As flores vicejam,  
os mares enfurecidos, os ventos irados.

Teologias e ideologias mancomunadas  
em confrarias, verdades impuras,  
vaca profana, vontade insana, poderes,  
guerras santas, bênçãos,  
martírios, cegueira e arrepio.

A paz fundada sobre os escombros,  
o escárnio,  
sementes da discórdia,  
sedição.

Rosa ensangüentada.

#### TEMPO PARALELO

*A Dom Luiz de Góngora*

I

Tempo que flui em teu corpo,  
tempo especializado, superfície  
que dura - ânsia, na espera -  
é contido, concentrado até ao seu  
desabrochar.

Um tempo assim tão longo,  
tão esperado, tão inseguro,  
num corpo dormente, prostrado,  
sustado, em plena quietude,  
repousado.

Neste presente duradouro, extensivo,  
deslocado de seu passado, livre,  
breve, na placidez, em repouso,  
descolado em seu momento próprio,  
absoluto.

Como uma fruta, natureza viva,  
todo o pretérito colocado no presente,  
refletido no infinito do corpo,  
o futuro projetado no desejo

inalcançável.

## II

Tempo afetivo que encurta o prazer,  
que alonga e prolonga o sofrimento,  
que é instante e também é instinto,  
que é vivência mas não é seqüência  
e consequência.

Tempo paralelo em que nos desprendemos  
e nos perdemos - como uma cortina -,  
sempiterno, descontraído, mas sereno,  
simultâneo, numa rotina ambígua,  
uniforme.

Que vive intensamente - experiência  
constante, tempo no espaço do tempo -  
que acelera, reverbera, pulsa e geme  
(fluxo e refluxo, temporal e fluvial),  
em combustão.

Em aceleração e regressão, detendo  
o tempo, esgarçando-o, prolongando-o  
na memória (que não é mais tempo),  
que é findo e, no entanto, perpassa  
- pássaro!

NEFELIBATA

*Para Gustavo Gutierrez*

I

Ir no sentido contrário  
contra o fuso horário  
e chegar antes de ter saído  
(ou nascer antes de ser parido).

Do avião, tudo é plano  
- asas tão frágeis, plainando -  
está-se confinado, no alto, surfando  
entre nuvens, suspenso no ar  
no limite das sensações e idéias  
levitando, o corpo flutuando  
nas entrelinhas do pensamento  
assustado, trepidando, pressurizado  
numa caixa móvel de chocolates  
importados, celebrando, lembrando.

II

Nas alturas de Macchu Picchu  
com Gustavo Gutiérrez, nós  
mochileiros em férias, arfando  
nas ladeiras rarefeitas de La Paz  
na quietude ativa do lago Titicaca  
(espelhando nevados e nuvens  
andarilhas), no topo do mundo.

Caçando palavras no firmamento  
avivando sentimentos despegados  
numa geografia tão vasta mas  
que não basta para meu encantamento.

## III

Francamente, a estas alturas  
que importa a criatura?

A máquina me transporta  
mas eu chego antes  
numa ânsia de espaço incontido  
em tempos simultâneos, instantâneos  
numa ubiqüidade própria  
dos não-lugares.

A dez mil metros de altitude  
tudo se relativiza  
- em movimento mas estacionado -  
as nuvens é que expandem  
seus volumes luminosos.

Poderia estar mais perto de Deus  
se o universo não fosse infinito  
sem teto, sem fundo, sem nexo.  
As nuvens em qualquer direção.

## IV

Nuvens fossilizadas, pintadas nas paredes  
de um restaurante de beira de estrada  
- no Peru, na Bolívia - ou no presépio  
feitas de algodão doce e colorido.

Ou nuvens que assumem formas humanas  
enquanto eu, por opção ou circunstância  
aperto o cinto e vivo nas nuvens.

Não obstante,

em Tiahuanaco, o tempo é sólido.

BOCAGE

*Para José Santiago Naud*

I

*Mas vendo no meu gênio o mau destino,  
Que havia de fazer? Cedi ao fado.*

Fado ou enfado, vontades insaciáveis  
vivestes de arrebatamentos, suspiros,  
solidões  
de mil amores, febris, mais imaginários  
que verdadeiros.

Mil amores preteridos, puros rompantes  
pesadelos, flagelos, receios, ciúmes  
queixumes. Sim, morrer de amores  
passageiros...

II

*Eu descoro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo.*

Dizem que fostes fiel ao amor cambiante  
que amavas o amor que não te amava  
que a tantas amavas, a todas, em sonhos  
ou em versos.

Atormentado de incertezas e desenganos  
imaginando mortes ou mortificando-se  
danos morais, iras, ternuras alternadas  
desgraçadas.

## III

*Quero fartar meu coração de horrores.*

Vagastes pelo mundo, fostes a Goa, à Índia  
e ao Brasil (no Beco das Violas) distraído  
perdido em sentimentos desvairados  
desterrados.

Tua única pátria foi a pura fantasia  
a devorar-te as entranhas dilaceradas  
nas noites de tormentos, amofinamentos  
consternados.

## IV

*Conheço que há vontade e não destino.*

E o fado a que conduz? A que portos,  
a que fracassos? Na prisão sórdida e fria  
buscavas a Liberdade, o livre-arbítrio mas  
sem arrependimentos.

Certo: o livre-arbítrio e nunca o  
fatalismo  
rege a condição humana. Tu, crédulo  
tido como herege; tu, fervoroso e piedoso  
e apaixonado.

## V

*De mim próprio me livre, oh Deus supremo*

Não havendo Céu e nem Inferno  
haveria, então, a Virtude virtuosa  
e, por antítese, o Vício viciante

subjugante.

Predestinado à desgraça, ao infortúnio  
ao arrebatamento. Pedia para morrer  
já que viver não sabia. Preconceituoso.  
Impiedoso.

VI

*Sofres d'ímpia paixão amor maligno*

Devasso, genial? Crente e anticlerical?  
Licencioso, marginal? Popular e culterano?  
Sublime e obsceno. Crítico e bajulador.  
Contraditório...

Ora exaltava, ora renegava a obra  
que improvisava, de sua lavra  
ou a ele atribuída. Adulterada? Expurgada  
e difundida...

VII

*Ser odioso, além de desgraçado.*

Tua fama de ímpio não te corresponde  
nem a de maldito, talvez a de hedonista.  
Teus sonetos de amor e desesperança  
te redimem.

Ninguém amou tanto, a tantas como tu.  
Um só amor, desventurado e transfigurado.  
Desprezado, mortificado: receios, desejos  
insatisfeitos.

## VIII

*Escritor pela mão do Fingimento.*

Tantas amastes, nomes acaso verdadeiros  
outros inventados, mortes e ressurreições.  
Lampejos, afagos, seios, agouros, receios  
desventuras.

Pesares, azedumes, avatares, perfumes.  
Devoto das mil deidades, talvez cínico  
também das verdades de momento, males  
imaginários.

## IX

*Adeus, ó mundo! Ò natureza! Ó nada!*

Manuel Maria l´Hedoux Barbosa du Bocage  
órfão de mãe, soldado e desertor, tradutor  
poeta com a fama de libertino, proibido.....  
e difamado.

O herético perigoso e dissoluto, acusado  
pelo Santo Ofício. No entanto, apenas amou.  
Louváveis e deploráveis sentimentos  
levaram-no  
ao Desvario. .

E vaticinou:

*Importuna Razão, não me persigas*

AS PALAVRAS

*Para Victor Alegria*

*As palavras não começaram  
abstratas, mas concretas.*

J. L. Borges

As palavras saltitam, pululam,  
estão soltas, sem amarras.

Palavras vivas.

Sons, movimentos, sentimentos.

Se não, estão  
petrificadas,  
feitas de letras  
- arquiteturas banais.

As palavras não representam,  
elas são,  
estão além dos significados  
- ou seria, mais, bem,  
aquém?

Libertadas dos dicionários  
pelos campos  
pelas fábricas, pelos lugares  
de sua gestação.

Originárias, necessárias.

Elas exercem um poder  
tanto porque podemos com elas  
apoderar-nos do mundo  
(ou conhecer)  
quanto elas nos governam  
e orientam.

As palavras são a música  
das coisas nomináveis;  
as formas das coisas:  
o próprio som  
que elas emitem.

Podemos dar às palavras  
o sentido que se queira  
aprisiona-las em obras  
de fina urdidura.

Mas nem sempre  
- e felizmente -  
as palavras levam à Razão,  
vão ao imaginário  
à beleza de sua condição:

as ondas equilibram o movimento  
do mar, marmorizado nas palavras.

Podemos transformá-las  
em textos decifráveis.

Esgarçá-las, montá-las  
sobre uma superfície  
limitante, e fria.

Não obstante, as palavras  
estarão livres  
vivificadas  
quando poesia.

[AVENIDA CORRIENTES](#)

*Para Rodolfo Alonso*

I

Da janela do Hotel Las Naciones  
vejo pátios abandonados, janelas tristes  
um terreno baldio transformado em estacionamento  
uns senhores de paletó e gravata caminhando  
apressados  
ônibus e táxis amarelos parados na esquina  
um gato andando no telhado vizinho  
algumas torres antigas, um edifício em construção  
uma família abandonada na calçada  
letreiro de um teatro de variedades.

Se eu busco, se eu vasculho o fundo da paisagem  
o fundo da memória, perco-me entre transeuntes  
e reencontro velhos amigos  
e as imagens daqueles tempos de juventude.

Antes de dormir, ainda havia livrarias por visitar  
recomendações de leituras  
um beijo de despedida, novo encontro marcado.

Havia as esculturas de Kosice  
o Grupo Madi, o ateliê de Louis Seoane  
as gravuras de Castagnino para o Martin Fierro

e eu lia, com avidez, o ciclópeo Bomarzo  
de meu amigo Manuel Mujica-Láinez.

Conhecia as fachadas, as portas talhadas  
os letreiros, as vitrines, e havia sempre por  
descobrir!

## II

Da janela do hotel vejo a passeata dos sem-teto  
a passeata dos desempregados  
a passeata dos aposentados  
- uma em cada dia da semana  
menos sábados e domingos  
que são dias para a família  
e para o tango. Para o amor  
e para a fantasia.

No centro da Avenida  
aquele obelisco onipresente, hierático  
emblemático: pode ser uma espada  
talvez uma vela, um falo  
um ponto de exclamação  
uma orientação vertical  
ou mesmo horizontal.

Ou seria uma caneta  
e com ela escrevo enquanto rememoro  
aqueles passos errantes  
aquelas alegrias compartilhadas  
aquelas discussões políticas intermináveis  
sobre a Utopia que acabou em repressão.

Mujica-Láinez depois exilou-se nas serras de Córdoba  
e Cecília Vaquero figura, ainda hoje, na lista

dos desaparecidos  
do regime militar.

Não havia ainda Hotel Las Naciones  
havia um jovem poeta brasileiro  
de casaco surrado e a alma transcendida  
pelo sonho, andando pela Avenida.

### O LABIRINTO

*Então cerravas os olhos. E os cerravas, oh  
labirinto! para não ver. Romper/ foi preciso  
lógicas e guardados, irrisórias horas desviver,  
tantos fogos avivar.*

XAVIER PLACER

I

O vento deslizando pelos meandros arbóreos  
farfalhante, estilhaços de luz, contornando esquinas  
vegetais, na obliquidade da tarde em que vagueio  
ensimesmado e triste, emparedado: torpor e  
vacuidade.

Deve haver uma saída, em algum lugar distante.

Entre paredes maciças, por caminhos infindos.  
Arfando, sôfrego, indeciso, lerdo, deambulando.  
O céu a intervalos, o tempo em frangalhos.  
As alamedas estreitas, abafadas, úmidas, sombrias.

As analogias impraticáveis, os diálogos estancados.  
Uma alteridade de estranhamentos indevassáveis.

Hermetismo. Pensamentos insondáveis. Abandono.  
É difícil avançar pelas aléias despistadoras.

Signos truncados, *cul de sac*, sinais trocados.

## II

Um labirinto infinito que termina quando  
recomeça  
Que é o princípio de seu próprio fim: eterno!  
Um desvão secreto, um epicentro inalcançável  
Enquanto, perdido, ouço a própria voz distante.

Aonde me levam estas trilhas tortuosas?

A que desertos, desterrados, a que ares represados?  
Tantos rostos irreconhecíveis, corpos ausentes!  
Quantos atropelos, quantas negações insidiosas!  
E eu a errar por espaços contidos, viciados.

Qual a direção deste vento aprisionado?

Os muros bifurcam-se, fecham-se, multiplicam-se  
em outros muros mais adiante: são os mesmos  
no círculo vicioso de uma vida programada  
que devora e recicla, ad infinitum, sua mesmice.

MEU NOME

I

Antonio, menino, vamos conversar:  
por que foges do castigo, se ele vai te alcançar?

Prá que tanta rebeldia, socando ponta de faca?

Aonde te levam estas pernas de caminhar  
tantas fugas, recusas, tanto ensimesmar?

Antonio, menino, por que blasfemas?

Que te leva ao prazer do sofrimento  
ao pensamento avesso ou travesso  
a contradizer o sim e a reiterar sempre o não?

De onde vêm estas idéias de suicídio  
enquanto amas saturado e satisfeito?

II

Tantas páginas escreves! Tantas leituras  
apressadas, tanta angústia de ser  
tantas perguntas impossíveis, desejos  
sonhos absurdos, planos inseqüentes!

Que amigos são esses que não voltarás a  
encontrar?

Que lugares tu buscas que deixarão de existir?  
Que amores te queimam que se vão dissipar?  
Que idéias te movem que logo vais superar?

Acaso essa birra vale o que a motiva?

## III

Frente a frente, somos dois desconhecidos  
que se negam, contradizem, se acusam.

Espelho maldito a revelar o nosso  
estranhamento.

Não me acuses do que não fostes capaz!  
Nada sou daquilo que pretendias ser!

Nunca fui amado tanto quanto querias!  
Nem amei tanto quanto querias que eu amasse...

## IV

Antonio, por favor, reconheça o teu fracasso  
e deixa espaço para eu existir  
sem ter que justificar-me diante de ti!

Deixa eu ser feliz no meu conformismo  
- de achar que tenho o que mereço  
enquanto tu deliras e deliras!

Por que estragas o meu sossego tão frágil  
azedas a minha felicidade tão precária?

A partir de hoje o meu nome é Outro.

## CRIANÇAS

## I

Minha infância, eu não a quero

mais. Tenham-na vocês  
que cultivam suas crianças  
como hortaliças  
hidropônicas.

Eu continuo criança  
mais criança do que antes.  
Antes que eu volte à infância  
senil  
da curva do infinito  
antes do último grito  
ou estertor.

Minha infância, admito  
foi um horror.  
Eu queria ser velho  
odiava os meninos  
de minha idade:  
eram chatos, estúpidos  
egoístas e cruéis.

Uma inocência  
sonsa,  
de aparência.

No fundo  
lá dentro, a criança  
mata os pais  
e esquarteja  
os irmãos  
mais novos.

São órfãos  
assumidos

chantagistas contumazes.

Goya pintava crianças-  
monstros!  
Crianças sádicas  
torturando animais  
na ausência dos pais.

Crianças são lindas  
na fotografia.

Algumas, nem assim.

## POÉTICA

*Para Trina Quiñones*

Um menino me disse  
- mas estava enganado -  
gostar de poesia porque  
ele lia tudo rapidinho.

Ledo engano: quanto menor  
o poema, mais denso  
requer pausas, releituras  
cruzar os pensamentos.

Ler no espaço das palavras  
além das formas/idéias  
não ler as palavras  
mas sua tessitura interna.

A poesia é mais de quem lê  
do que de quem escreve  
- o poema circunscreve  
um universo qualquer.

Todo poema é hermético  
requer um certo desvendar  
porque o poeta-ventríloquo  
fala pela boca de outrem.

Palavras-coisas, lapidais.  
Palavras-pessoas, além  
de si mesmas - outras-  
- palavras homologais

mesmo as circunstanciais  
cifradas no eu-mesmo  
da poesia do circunlóquio  
que se liberta e ganha  
espaço.

#### ZILA MAMEDE

Minha querida Zila,  
que saudades de ti!

Pequenina, inquieta  
por isso mesmo poeta.

E mais: bibliotecária,  
operária do saber.

Tão frágil, tão forte!  
Como sinto a tua sorte!

Eu era teu convidado  
nas rodadas de Natal

comíamos carne-de-sol  
e de sobremesa, poesia.

Um dia... fatídico dia  
que ninguém merecia

menos tu, tão necessária  
a quem tanto queríamos

foste ao mar inteira  
para não regressar.

Na areia, aflitos  
nem ouvíamos teus gritos

desapareceste no horizonte  
na curva azul do mar

deixaste tua herança  
recarregada de afeições

teu multiverso, teu  
nomadismo, espanto

a força de teu canto

a essência-derradeira

de teu útero-concha  
de mar indomável.

#### TRIBUTO A KAVAFIS

*Para Danilo Lôbo*

*quando os lábios e a pele recordam,  
quando as mãos sentem que ainda te tocam.*

Konstantinos KAVAFIS (1863-1933)

Por que, em sendo eu tão feliz  
me declaro insatisfeito, vazio  
incompleto, infeliz?  
Tantos amores vivi  
tão completamente!  
A exaurir, a combustar.

Pensei tê-los perdido para sempre  
mas eles sobrevivem em mim  
permanecem em algum lugar  
de meu legado encantamento.

Visitei corpos clandestinos  
que amava no momento  
mas a juventudeurgia  
exasperada e insegura.

*como possuído ainda/*

*do prazer ilegal  
do proibido amor/  
que acaba de ser seu.*

Que intensidade fugaz!  
Que rasos compromissos!  
Queria-os, cultivava-os  
enquanto se esvaíam

e ressurgiam com renovado  
assombro, ímpeto, membros  
de uma volúvel confraria  
de divindades helênicas.

*E bebi o vinho forte, como  
só os audazes bebem o prazer.*

Corpos passageiros, verdadeiros  
jungindo-se numa plenitude  
inalcançável e imperfeita  
feita de sensações sempiternas.

Maduro, bebo sempre desse  
vinho que me rejuvenesce.

Reencontro em ti,  
tão jovem e riço e forte  
como se renascesse  
em tua óssea formatura  
e me libertaras de mim.

*Oh deuses! que não  
(n)os vejam esses enlutados,  
esses moralistas -  
o eco desses estéreis amores/*

*que eles repudiam.*

O novo e o velho  
se recompõem em mim  
oportuna metamorfose  
para reviver aquele amor.

Entrego-me a esse amor  
com a certeza da fatuidade  
mas ele é real e intenso  
e quem sabe inseqüente.

*pois algo sabes de remédios;  
tentativas de envolver a dor/  
A ti recorro oh Arte da Poesia,  
na Imaginação e na Palavra.*

Perdido para sempre  
num sentimento impossível  
com a sensação absurda  
de uma carne quase intacta:

*recorda de repente estranhamente  
a um efebo que - com certa rudeza-  
ao amor por vez primeira  
renda seu corpo intocado.*

SEM TUDO, SEM NADA

I  
Nas calçadas, nos desvãos da noite,

debaixo de pontes, lá estão eles  
como hienas, em andrajos, pestilentos,  
na sua cantilena de desgraçados.

Que eles não invadam os nossos jardins,  
não devorem as nossas roseiras!  
nem depredem o canteiro de azaleas  
nem urinem sobre os girassóis em brasa.

Nos fundos lá da rodoviária  
são despejados a intervalos regulares  
e ali se multiplicam como moscas  
pondo ovos que logo chocam ali mesmo.

Não têm dentes mas como trituram  
toda a grama, todo e qualquer arbusto  
ao seu alcance, como um formigueiro  
ou uma terrível horda de gafanhotos.

Retirantes, excluídos, sem-terra  
sem-teto, sem renda, analfabetos  
dejetos, escravos, servos, deserdados  
arregimentados viram votos oportunos.

## II

Aquelas chagas não são implantes  
mais bem (ou mal) são cancros cancerosos  
não são transplantes ou cirurgias plásticas  
são brotações ulcerosas circunstantes.

São seqüelas de mazelas hereditárias  
de capitânicas e oligarquias perpétuas  
que permanecem na pele e no cerne  
e se multiplicam por gerações infinitas.

Rebrotam como cogumelos renitentes  
são como cactos na seca sempiterna  
gravatás sobreviventes do incêndio  
natural que devasta e revive anualmente.

Perpetuam formas de domínio seculares  
entranhadas nas memórias ancestrais  
implantadas como castas naturais  
mais que atávicas elas são telúricas.

(Uma casta que se reproduz cativa  
nas entranhas da terra cáustica  
que resseca e rebrota e reverbera  
ao sol que multiplica e degenera).

Apenas nascem e já se reproduzem  
sem as faculdades completas, pouco  
ou quase nada, desnutridos, mas ágeis  
reforçando apenas os membros indispensáveis.

Os braços de capinar e ceifar a cana  
os pés rachados de caminhar e correr  
o sexo para reproduzir e multiplicar  
e garantir a perpetuação da serventia.

Sem luz, sem tudo, sem nada  
(virando números em cadastros oficiais),  
como dizem agora, sem cidadania  
mas eu completaria: sem-humanidade.

## SIMIL

Corpos empilhados em gavetas  
ou compactados no trem;  
recluídos em cárceres lúgubres;  
dançando ao unísono  
exalam hálitos comuns.

Nada daquela individualidade  
que só existe na mente estereotipada  
do filósofo,  
nada daquela originalidade  
que só existe na idealidade  
do artista.

A caspa é da mesma matéria  
de sua ossatura-padrão  
- similitudes -  
e o discurso apenas reitera  
chavões e palavras-de-ordem.

Nas declarações de um  
está a identidade  
do outro.

Nada escapa à uniformidade  
do pensamento de classe  
e de sua condição.

Variações são previsíveis  
reconhecíveis pela exatidão  
de sua regularidade.

De excepcional

só a visão alucinada  
do poeta  
que só vê o diferente.

Mas ele é idêntico  
ao protótipo da matriz simiesca  
de que se julga divergente.

Em sentido contrário  
se todos os outros  
que são símeis,  
se julgam diferentes,  
também ele é a réplica  
perfeita.

#### MALTHUS

*Para Affonso Romano de Sant'Anna*

Tantagentetantaemtodaparte  
gentegentegentegentegente  
e tão somente

a terra soterrada de corpos  
anticorpos corpos entulhados  
empilhados em containers

um cemitério congestionado  
de corpos centrifugados  
transformados em repolhos

rebrotando como ervas daninhas  
como seivas leitosas pestilentes  
como sementes plúmbeas errantes

corpos defumados frios  
congelados em câmaras  
em esquifes, armários

dependurados em cabides  
enforcados, pelos açougues  
estendidos no varal ao sol

depositados em cofres  
de usurários enganados  
sem qualquer valor de troca

triturados para o gado ermo  
ou transformados em patê  
antropofágico e macabro

terra de corpos decompostos  
e revolvidos com estrume  
de suas próprias entranhas

todas as gerações superpostas  
em monturos, na degradação  
de uma compostagem infinita.

#### A JANELA

*Para Fernando Mendes Viana*

I  
**Dentro e fora** da casa, contrapostos  
os mundos se dividem  
como faces opostas  
de **uma só realidade.**

Como podemos **ser diferentes**  
de um lado e de outro  
da janela? Partindo de fora  
para **dentro de nós mesmos!**

**Desde** que estamos inteiramente  
nus até **quando** devidamente  
vestidos, **vamos** vertendo  
nossas tantas identidades.

Bem **vestidos**, fantasiados  
uniformizados/personalizados  
é que nos reconhecemos  
e nunca a sós, **despidos.**

## II - A Digressão

A janela como divisória  
de dois mundos opostos  
- dentro e fora -  
ou, como prefere DaMatta:  
a Casa e a Rua.

Lá fora é o mundo  
da competição desvairada  
e da eterna enganação;  
em casa somos reis absolutos  
no mundo da comunhão.

Fora, devemos ser tolerantes  
em casa mais exigentes.

Mas a janela é reveladora

de dinâmicas distintas  
de realidades distantes:

lá fora, o movimento  
cá dentro, o estável

lá fora, o efêmero  
o difuso, o incerto  
cá dentro o seguro  
o correto, o concreto.

### III - A Conclusão

A janela é um divisor de águas  
de costumes, estilos, ritos  
- em casa somos assim  
- na rua, nem assim -  
parece que somos  
(e pensamos)  
diferentes  
por dentro ou por fora  
da janela

como dentro e fora  
de nós mesmos.

Ritualizações e discursos  
são bem complexos:  
também vamos mudando  
transformando, metamorfoseando  
comportamentos  
raciocínios  
relacionamentos  
à medida que andamos

pela casa (como num palco):  
na varanda somos sociáveis  
nas salas, mais hospitaleiros  
na cozinha, mais informais  
e no quarto somos  
possessivos  
nas áreas de serviços  
autoritários  
nos banheiros, ególatras  
sem máscaras  
narcisistas.

Precisamos de roupas, atitudes  
vocabulários e lógicas próprias  
para cada cômodo  
para cada espaço urbano  
de um lado e de outro  
da janela.

A janela é um espelho  
de duas inconformidades.

## O HOMEM CORDIAL

I

A violência difusa como uma névoa  
ébria ocupa todos os espaços  
por dentro e por fora  
numa confusa progressão  
- pela televisão.

Múltiplas formas de violência  
nas fraturas das estruturas  
com a incidência e permanência  
de uma outra ordem social  
- a do PCC.

Uma globalização aqui dentro  
da sala, em versão digital, midiática  
e interativa, numa espetacularização  
que avilta nossa solidão narcisista  
e contemplativa.

Reduz-nos a uma incerteza constante  
intranscendente, irreduzível, espantosa  
nutrida de conflitos congênitos, sem alarde  
cercada de grades e despistamentos  
do medo.

II

É a hora da coerção e da força, da  
corrupção  
e do arbítrio, da dominação e da submissão  
nas dramatizações dos noticiários  
dos crimes e das fantasias consumistas

irresistíveis.

Há uma racionalidade da violência que permeia o nosso atônito comportamento, um vago hedonismo e um prazer de sado-masiquismo bestial!

A polícia matando civis  
e bandidos executando policiais  
numa fúria de maniqueísmos  
com a nossa solidariedade secreta  
e ambivalente:  
a gente acorda policial e dorme bandido  
numa alternância aniquiladora de  
contrários: policial e bandido nascidos  
e criados na mesma família em espaços  
alternados.

Numa alteridade previsível e necessária  
numa ubiqüidade virtual de identidades  
máscaras consangüíneas, reversas  
de uma mesma e única realidade:  
dialética.

### III

Violência e democracia em paralelo  
contrapondo-se e apoiando-se  
numa complexidade ou complementariedade  
paradoxal - da justiça com requintes  
de crueldade.

Da justiça ineficiente, cara e arbitrária  
fazendo a apologia do crime

por contradição - da paz armada  
e da violência protegida pelo imaginário  
justiceiro.

A violência da polícia como paradigma  
da eficácia - e a falácia  
dos direitos humanos em que se mata  
para proclamar e fazer justiça  
e dar segurança.

Um linchamento pelas imagens montadas  
que desfrutamos com mórbidos prazeres  
numa perversão de valores e sentidos  
presumidos de razão e consentimento  
divinos.

#### A CASA DA CHÁCARA

*Para Lourdes Planas*

A casa da chácara reclama  
seus mortos futuros  
sem nenhum preparo  
mas não por falta de aviso.

Há um tempo de vida  
e outro - mais pesado - de morte  
em todas as coisas:  
tempos tangentes.

Um que flui por si mesmo  
paralelo ao que se ruma

sem qualquer possibilidade  
de reconciliação amanhã.

Um tempo que se constrói  
de uma forma metafísica  
e outro que se destrói  
dialeticamente.

Tempo que  
corrói  
o próprio tempo  
insustentável  
e oco  
- um ovo  
por dentro e por fora,  
sem solução.

Paralelas e tangentes  
ao mesmo tempo  
(se isso fosse possível)  
num derradeiro encontro.

A casa da chácara tem a memória  
encardida,  
apodrecendo os alicerces.

#### INOMINÁVEL

Que resta das coisas  
sem os nomes?

O gato é um feixe de ossos  
ambulantes com bigodes

a montanha ia a Maomé  
mas ele já está cego

estas cartas de amor azedaram  
e parece que vão explodir

há um transatlântico bêbedo  
na Esplanada dos Ministérios

enquanto o Presidente  
gravita em torno da terra

como um objeto-voador-não-identificado  
fora de alcance dos rastreadores da NASA.

#### PAISAGEM

pedrasburacospostesarames  
agaveslixogramapedraspedras

paisagem imóvel como um muro  
um céu de chumbo estagnado

pedrasmontículosmatoralo  
palavras-coisas estáticas ocas

este ar saturado de pré-chuva  
este chão sovado caminho torto

pedraspostespedraspostespedras

ENTRE PURO E OBSCENO

*Para José Antonio Pérez-Montoro*

Depois de teus sonetos ler e salivar  
a revolver em busca de lascívia e mel  
os vinte e cinco poemas, de um só tropel  
e, acinte, é que fico aqui eu a cismar.

Se pode haver pornografia em amar  
mesmo que o amor seja reverso e cruel  
ainda que a soldo no mais reles bordel  
ou mesmo na inversão de corpos a arfar.

Não seria no ato que se pratica  
nem poderia estar naquele que fornicava  
ainda que na condição mais canalha

mesmo que nem seja amor, seja mortalha  
imunda, perfídia, que só valha  
o ditado: amor que fica é o de pica.

MENINOS-DE-RUA (MANEIRISMO)

*Para Ivo Barroso*

I  
Em grupos, como passarinhos assustados  
correndo, saltando, gritando, assanhados  
num ar  
rastão desenfreado.

Dão patadas no ar em exercícios atabalhoados  
saltimbancos, mambembes, desconcertantes  
pernadas: saltitantes.

Pelas calçadas, à deriva, espreitando  
pedindo, cantando, rindo e cheirando  
sem afin

co, lá  
fora.

Sem sapatos, rasgados, talvez com fome  
certamente sem nome, fumam, bebem  
(vida má!) sonha

m que barato!

## II

Sonham com um teto de vidro na hora  
da chuva, com paredes quando é frio  
e com a Santa Ceia.

Com Jesus quando falta a luz  
com a mãe quando não há pão  
e até com o pai.

Abandonados, escorraçados, enxotados.  
Sonhando até com brinquedo na ocasião  
erna do medo.

Neófitos, noviços, horror: catecúmenos  
do crime de que tanto são feitores  
quanto vítimas.

Marcados como bichos em manadas  
foragidas, sonham com camas, cobertores  
sobremesas.

III

Encurralados, abrem caminho  
com uma faca aguda na mão  
seu esp

aço.

Vagam em bandos pelo mundo  
dispostos a tudo, numa tar  
de sem melhor opção.

Delinqüentes? Trombadinhas? Viciados?  
Vêm-se maneiros, super-heróis, libertos  
espertos.

Não querem apenas ser livres  
querem liberdade, família  
oportunidade.

Sentem-se poderosos, como artistas  
numa identidade que é da rua  
ou de gueto.

Numa espécie de contracultura  
que expressam e cantam ráp  
ido, com fúria.

Temem apenas a lei do mais forte  
a morte pela mão do justiceiro  
ou da polícia.

## SONS INTERIORES

Os sons  
que vêm de dentro  
aos ouvidos interiores  
são tão intensos!

Ouç-os, silentes  
mas como eclodem  
nos tímpanos!

Sons da mastigação  
da saliva áspera  
do roçar de dentes  
e até dos ossos  
e gases insurrectos.

Uma polifonia surda  
e, no entanto, perceptível  
pelos sentidos  
mais apurados.

Não há silêncio  
no corpo  
-roces externos  
reverberam  
magnificados.

Há também  
o eco, oco  
de sons forâneos  
codificados

ganhando significados:  
presságios, medos  
alívios.

Deve haver  
um diálogo entre  
os sons de fora  
e os de dentro  
com gramáticas  
próprias:  
inteligíveis, mais  
que audíveis;  
audíveis  
porque inteligíveis.

#### O PÁSSARO

*Para Manoel de Barros*

O pássaro voando  
vai assim reconhecendo  
sua paisagem serena  
numa visagem atenta.

Aquela parca aragem  
que perpassa e refresca  
aquela quase miragem  
de seu vôo, plainando.

Busca as frondosas  
pousagens, tão altas  
nos galhos, de passagem  
onde há de repousar.

## POSFÁCIO

A idéia de uma obra exclusivamente dedicada a 'retratar pessoas e personagens, surgiu por volta de 1964, quando eu ainda morava no Rio de Janeiro. Da vertiginosa produção de versos daqueles tempos - escrevia-os na escola, no 'lotação' e no bonde, na praia e em qualquer lugar, o tempo todo, compulsivamente; não podia andar sem um papel e uma caneta... - alguns poemas constituíram uma 'Série Retratos'. Sobreviveram poucos daqueles cadernos de versos, depois de tantas mudanças de endereço. Destacamos dois: 'Close Up de Célio' sobre o perfil de um colega e 'Retrato de Hugo' sobre um menino pobre de Curitiba. Versos de juventude, servem para contrapor à produção atual, sem pretender demonstrar qualquer evolução ou transformação técnica, apenas para revelar uma mudança de visão do mundo.

### CLOSE UP DE CÉLIO

1. As sobrancelhas  
-criticas- num  
vão breve  
em torno  
de si mesmas.

2. São mais  
a continuidade  
aguda  
e leve  
do seu nariz.

3. Suspensas,

levemente,  
como em arcos  
para o alce  
súbito.

4. De tal sorte  
erguidas  
    que em seu  
    curvo vôo  
    a orbicular.

5. Os olhos azuis  
que a projeção  
- intensa  
luminosa -  
acompanha.

6. Para o alto  
em diagonal  
para os cílios  
as sobrancelhas  
do sonho.

7. Também a boca  
sugerida  
    (insinuadas,  
    - aos dentes,  
    o riso - as sobrancelhas).

8. O cabelo, liso,  
louro, em  
réstias de  
milho verde,  
o declive.

9. Momento breve,  
as pontas às  
orelhas, erguem  
em bico, as  
sobrancelhas.

10. As sobrancelhas  
e a canção  
- fléxeis frestas  
as arcadas -  
no seu close up.

#### RETRATO DE HUGO

A cor dos olhos de Hugo:  
Uma castanha tímida  
mesmo inteira.

O brilho dos olhos de Hugo:  
cristalino e manso  
embora indeciso.

A voz de Hugo.  
A voz de Hugo era ainda mais jovem que ele,  
horizontal e suave:  
não continha nenhuma revolta.

A ternura de Hugo:  
estava sempre a favor de.  
em seu frágil raciocínio.

Não desejava maior mundo

além do que possuía:  
a sua beleza de efebo  
e os sonhos de menino pobre  
que eram a sua riqueza.

A beleza era a sua chave  
no mundo  
e disto tinha consciência.

# Poesia Reunida

CALIANDRA: POESIA EM  
BRASÍLIA.

Antologia com 35  
poetas residentes em  
Brasília, volume  
primoroso de André  
Quicé Editor, 1995.

## DA PERSPECTIVA DO CORPO

Meu corpo tem vontades próprias  
alheias ao meu consentimento.  
Transgridem valores e parâmetros  
de comportamento,  
descontroladas de si mesmas.

Um corpo precário,  
perdulário.  
Um corpo que contemplo fora de mim  
para não deixar-me dominar por ele.

O corpo é lúcido, arbitrário.

Em sendo corpo,  
sou temporal e finito.  
Amanhã, serei outro.

Como corpo estou, nem sou.  
Como um halo, como emanção  
da matéria em combustão.

Corpo aberto, corpo receptivo.

É a mente que castra,  
que inibe, que delimita.  
O corpo é fátuo e é fausto.

Odeia a inércia,  
o desuso, o descaso.

Enquanto corpo sou de todos,  
e menos de mim. .

#### DO DISTANCIMENTO DO CORPO

Saio de meu corpo  
para poder contemplá-lo.

O corpo pode pouco.  
É fraco, é frágil.

Contemplo-o com superioridade  
e com resignação.  
Só ele me move, me leva.

Sou mais do que o meu corpo permite.  
É um volume pesado de carregar.

Ele envelhece antes de mim.

Corpo inconsútil, narcisista  
mas sem amor próprio.  
Infiel, insensato.

Todo jovem é belo. Belo e cruel.  
Achando que a vida é,  
por excesso,  
infinita.

Mas o corpo tem sua memória,  
como tatuagens indelévels.

Tudo bem: o corpo dá prazer,  
mas tira mais do que dá.

Prazeres redivivos, revividos,  
ruminados.

Exala o corpo venenos e fragrâncias,  
resistências impossíveis.

Insaciável, o corpo explode  
em demandas que não se quer.

Afinal, o corpo excreta seus próprios  
humores.

## DA MORTE

Diante do espelho  
não me reconheço.

O corpo que aparece  
nem sou eu.

Várias são as mortes do corpo,  
inclusive a derradeira.

Mortes passageiras,  
parciais, mortes menores.

A morte é a única  
e maior verdade do corpo.

Para o corpo só existe a vida.

O corpo participa da vida  
como um todo.  
Maior.

Vida circunscrita, delimitada,  
enquadrada  
na vida maior, de que é parte.

Enquanto corpo, é fração de vida,  
enquanto morte é consciência  
do corpo.

Morte, norte.  
Vida.

## CAMINHOS DE INTEGRAÇÃO

Antologia trilingüe  
(Português, Espanhol e  
Inglês) organizada por  
Sofia Vivo, com poemas  
de Antonio R. Miketen,  
Anderson Braga Horta,  
Antonio Miranda, José  
Santiago Naud, pelo  
Brasil; Mabel Chánaton e  
Manila Chánaton da  
Argentina, Sofia Vivo,  
do Uruguai e Trina  
Quiñones, da Venezuela,  
Editora Thesarus,  
Brasília, 1993.

**RETRATO 3 x 4**

Esse que aparece  
na fotografia  
não sou eu:  
é o que fizeram de mim.

Enforcado,  
de gravata,  
no rito burocrático.

Transparece um modelo padronizado  
conforme os regulamentos em vigência.

Sem sinais particulares

ou qualquer assomo individualista;  
é, antes,  
o protótipo ou fotocópia  
de uma imagem pública e repetida,  
pré-moldada.

De frente,  
com olhar taciturno e impessoal,  
assemelhando-se a qualquer outro  
e nunca a si mesmo  
-que há muito deixou de existir  
na contabilidade dos recursos humanos  
monotamente igualizados  
nas desigualdades racionalizantes.

O terno seriado  
e o olhar emprestado  
de ícones executivos  
com documentação farta  
e direitos protegidos.

Devidamente protocolado,  
carimbado,  
predisposto à comodidade  
dos arquivos-mortos.

#### QUEM É QUEM

*Em que altura  
ou dimensão  
o poder dá tontura  
ou dá tesão?  
Anônimo burocrata*

Que frágil é o equilíbrio  
no organograma!

Um exercício de malabarismo  
ou, antes,  
a síndrome do artifício.

E o poder,  
é vertical no cronograma?  
É horizontal e sonoro,  
auto-sustentável  
no pentagrama?

Seria a dialética  
dos antagonismos  
ou arbítrio  
dos conformismos?  
Um gesto de conciliação  
nos dualismos  
ou o prêmio à paciência  
e à submissão?

Ato contínuo  
e racional?

Anormal?

Um golpe de dados abolirá o azar?

E você, quem é,  
na estrutura?

Sua ossatura  
em que dossiê é sepultada?

Quem decide o seu nível de calorias,  
as suas, as nossas mordomias?

E a inteligência  
é sinônimo de sobrevivência?

Subserviência  
eleva-se ao nível de ciência?

Quem resgata a vida,  
enquadrada  
em normas e preceitos?

(São dogmas ou são preconceitos?)

A nossa vida  
alugada  
e confinada  
- é tudo ou nada?

#### A FOTO E O OLHO

A foto na parede imobiliza o retrato  
mas é inútil: quem o contempla,  
desbotado do tempo,  
se imortaliza na transitoriedade.

O momento retido  
é refletido na objetiva fugaz,  
o olho que desvenda  
inverte o instante  
e inventa a transcendência.

É impossível: a foto mente  
ao desvendar o seu mistério  
de fóssil sujeito à restauração.

O olho é que refaz o retrato  
na memória  
e não a foto que é ilusória  
em sua vã materialidade.

#### O FATO E O OLHO

O fato na praça imobiliza e retrata  
e é sutil: quem o contempla  
desgastado pelo tempo  
se imbeciliza pela mordacidade.

O momento perdido  
é irrefletido no subjetivo falaz,  
o olho que desvenda  
trasveste o instante  
e inverte a abundância.

É possível: o fato desmente  
ao receber o seu mistério  
difícil respeito à razão.

O olho é que desfaz a retreta  
na memória  
e não o fato que é ilusório  
em sua vã fatuidade.

## O FITO E O OLHO

A foto na parede impermeabiliza a retreta  
mas é inútil: quem a contempla,  
despistado pelo tempo,  
se esteriliza na corporeidade.

O momento roído  
é percebido na objetiva capaz:  
o olho que desvela  
desveste o instinto  
e investe à proeminência....

É até possível: o fito aumenta  
ao destapar o seu mistério  
de físsil sujeito à explosão.

O olho é que faz o retrato  
na poesia  
e não a palavra que é ilusória  
em sua vã linearidade.

## AMANHÃ

Qual o significado de  
amanhã?  
ave malsã?  
borborema,  
maracanã?

Quem sabe o tempo  
estanca  
estica

e fica como está  
agora e já!

Afinal,  
por que final?

Por que amanhã  
se é sempre hoje  
se é sempre um dia  
e outro dia  
e nada mais.

Amanhã é jamais!

E mais e mais!

#### A FRUTA

É a fruta madura  
intumescendo,  
ejaculando  
iridescente,  
disseminando.

Fruta cortada,  
ferida,  
exalando provocações  
irrecusáveis.

A fruta no prato,  
o corpo na cama,  
é o pranto que acalma,  
é a natureza natimorta  
que exorta

e clama.

Fruta colhida,  
tolhida,  
prostrada,  
possuída,  
aguardando a consumação.

É a fruta na mão.

A QUADRATURA  
DO Ó,  
ou a maravilhosa  
estória do fanzoca  
que idolatrava  
Emilinha Borba

Romance publicado  
pela Thesaurus  
Editora, Brasília,  
em 1979, com capa de  
Inácio da Glória, em  
que aparecem dois  
poemas escritos como  
sendo de autoria do  
personagem Mércio. A  
ironia foi a forma  
encontrada para  
delatar a alienação  
e a repressão da  
época final da  
Ditadura.

#### SHOCK DO FUTURO

Antes que acabe  
antes que chegue ao fim  
deixa eu comer o meu pudim.

Fome, miséria e privação  
não maculam o meu apetite.

O verso é ruim mas rima, não é?

Oh  
fome e miséria  
não são assuntos para a hora do banquete  
não sou pintor de cavalete  
já conheço todos os macetes  
cacoetes...

Antes que chegue ao fim  
antes que eu chegue ao fim  
deixa eu roer o meu osso  
sem remorso...

*(Poema escrito por Mércio Silveira, aliás Virgínia  
para os mais íntimos, depois de uma discussão  
filosófica com Wilza Carla).*

#### ORAÇÃO POR EMILINHA BORBA

*Até o céu está hierarquizado, cruz credo! Dona Genoveva,  
personagem do romance. O poema parafraseia, de forma  
laxa, o poema em homenagem a Marilyn Monroe escrito  
por Ernesto Cardenal.*

Senhor,  
um poeta atrelado nas arapucas do subdesenvolvimento  
atolado nos seus preconceitos pequeno-burgueses  
- mas nem por isso menos crédulo, menos devoto -  
saúda e pede passagem,  
traz o seu abre-alas  
às portas do Teu Reino  
para a sua musa: EMILILHA BORBA, a cantora do Brasil!

Ela não é uma artista de Hollywood  
nem suicidou-se numa taça de champanha.

Veio do coração do povo  
humilde, simples e verdadeira na sua simplicidade  
veio do seio do povo  
nunca posou para revistas como *Play Boy* e *Paris Match*  
nem fingiu um casamento com um milionário estrangeiro.

A história dela, Senhor, Tu a conheces  
melhor do que eu:  
ganhou com simpatia o que outras ganharam com escândalos  
amou em silêncio  
ela mesma jamais entendeu a razão da sua glória  
nunca deixou-se levar por mania de grandeza  
jamais pecou por prepotência  
continua humilde, Senhor, agradecida da sorte  
honrada com o seu papel de Favorita das Favoritas  
quem sabe vítima do seu destino  
mas resignada a viver convictamente o seu papel  
o papel que Tu lhe atribuíste.

Cantou onde seus fãs a exigiram:  
nas estações de rádio, nos clubes aristocráticos  
nos bailes de Carnaval  
até mesmo nos pequenos circos  
e nos mais distantes e modestos parques de diversões  
onde o seu público se reunisse para ouvi-la.

Aquele era o seu povo  
e aquele o seu país.

Nem havia Televisão em cada casa  
nem estradas nem hotéis razoáveis  
mas ela ia de cidade em cidade  
peregrinando e cantando.

Havia um Brasil querendo ouvi-la  
e ela amava o Brasil como ninguém.

Foi (é), Senhor  
o símbolo para muitos de nós  
que acreditamos na sua autenticidade:  
ela veio do seio do povo  
ganhou a fama mas não a fortuna  
tornou-se o ídolo de milhões de seres anônimos  
mas de carne e osso  
que trabalham, que sofrem, que têm esperanças também  
(como ela) de ganhar a fama e fortuna  
pelo menos o pão e o teto.

Ela foi a esperança num momento difícil de nossas  
vidas.

Emilinha, Senhor  
brindou-nos essa oportunidade  
abriu seu imenso coração para aquela gente  
- para nós, Senhor, desejosos que estávamos de  
comunhão -  
ensinou-nos o caminho da virtude  
apertou a mão de cada um de nós, embalou-nos  
aconchegou-nos no seu infinito sorriso  
porque ela sorriu e cantou para todos  
e todos soubemos glorificá-la com flores e títulos:  
FAVORITA DA MARINHA

A CANTORA MAIS QUERIDA DO BRASIL

E, no entanto, Senhor

jamais permitiu que depositássemos os ex-votos a  
seus pés

ela mesma os recebia

ela, na humildade profética, não os aceitava para  
ela própria

aceitava-os para o que ela representava

aceitava para a fé dos que a procurávamos

e dependíamos dela para existir.

Ela uniu esse país, Senhor

pôs o seu amor no coração desse país

creceu com ele, cantou com ele

- todo o país em uníssono -

e mais não fez porque mais não podia.

Ela merece cantar no Teu Reino

como a nossa melhor representante.

Mércio Silveira

## *Poemas Avulsos*

### O SUICIDA REPENTISTA

Poema-reportagem originalmente publicado no jornal  
*Estado do Piauí*, Teresina, N. 2012, 29 de Janeiro  
de 1978, primeira página.

O nosso vizinho  
- sozinho e soturno -  
lançou-se, nuzinho, da Torre de Televisão.

O guarda-noturno  
registrou, certinho, a sua ação:  
sem documento ou razão aparente  
apenas um sorriso no dente  
(enigmático mas sintomático)  
foi registrado no momento.

Que levaria um homem ao suicídio?  
Um amor preterido, um emprego inseguro,  
uma incerteza no escuro  
ou a certeza de que - apesar das promessas -  
tudo vai mudar para ficar como está?

Aliás, o defunto não deixou  
qualquer manifesto ou despedida  
formal.

Saiu da vida para entrar nas páginas dos  
noticiários  
como um desconhecido  
desesperado  
aborrecido com os outros e com ele mesmo  
que lançou mão de seu gesto máximo de liberdade  
para um simples lance de dados.

Nos mesmos jornais  
prolixos, aliás  
fala-se de sucessão e anistia  
- coisas que ele, sem dúvida, sabia.  
Jamais  
na confusão de sua revelia  
computaria a correção monetária  
de sua vida ordinária  
e lançaria um olhar de mormaço  
sobre os idos de março.

#### FUTUROLOGIA

Uma sociedadde em que as pessoas  
nada têm  
mas de tudo usufruem.

Olhando no retrovisor  
assim haverá de ser  
a sociedade do futuro.

---

*Retratos & Poesia*  
*R e u n i d a*  
foi composto em tipografia  
AGaramond, corpo 11,5pt e  
impresso em papel Paperfect  
75g nas oficinas da  
THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA.  
Acabou-se de imprimir em  
agosto de 2004 no oitavo  
mês do quarto ano do  
Terceiro Milênio.